

COMUNIDADE VIRTUAL E COMUNIDADE DE FALA: DISCUSSÃO DOS CONCEITOS À LUZ DA INTERAÇÃO EM AULAS *CHAT**

Kazue Saito Monteiro de Barros**

RESUMO: Um termo dos mais freqüentes em estudos sobre as Comunicações Mediadas por Computador (CMCs) é “comunidade virtual”. O termo é, quase sempre, usado de forma implícita, como se seu significado fosse simples e auto-explicativo. Na realidade, pouco se sabe sobre as comunidades virtuais e há necessidade urgente de mais pesquisas que contemplem os aspectos etnográficos das interações eletrônicas. Por um lado, há uma variada gama de comunicações mediadas por computador, com grupos que se organizam de formas diferentes e que nem sempre podem ser chamados de comunidades. Por outro, não se sabe em que medida as comunidades virtuais são comparáveis às comunidades reais. O objetivo do trabalho é discutir, de forma preliminar, a aplicabilidade do conceito “comunidade de fala” na análise de interações eletrônicas. As observações são feitas com base numa amostra que se restringe a aulas chat, ministradas pela Internet em salas de discussão específicas.

PALAVRAS-CHAVE: Aula virtual; comunidade virtual; comunidade de fala.

Preliminares

Este trabalho insere-se no âmbito do projeto sobre Produção Textual e Interação em Aulas pela Internet (PI

* Uma versão deste trabalho foi apresentada no XVII Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em Gramado, RS, em junho de 2002.

** Universidade Federal de Pernambuco.

Fala e Escrita: Características e Usos, CNPq). Faz parte de um programa de estudos a que nos dedicamos há bastante tempo sobre o discurso pedagógico e cujas preocupações centrais – que vão permear todos os nossos estudos – dizem respeito a dois complexos objetivos: a investigação dos processos interacionais mobilizados nas atividades de interação social e uma melhor compreensão dos aspectos envolvidos na construção do conhecimento em situações de ensino-aprendizagem. Na atual fase do projeto, busca-se uma análise mais global das aulas ministradas pela Internet, com concentração na observação das características etnográficas. Como lembrado acima, os estudos sobre CMCs, em geral, ainda não têm considerado em suas análises os interlocutores e suas relações, o que deveria ser indispensável em qualquer estudo que focalizasse a língua em uso.

Nos últimos anos, muitos analistas têm voltado sua atenção para o estudo de diferentes formas de CMCs, mas ainda há pouco consenso no que se refere aos processos interacionais mobilizados nessas atividades. Os trabalhos têm procurado, sobretudo, a identificação de traços lingüísticos estereotípicos gerados pelas especificidades relativas ao canal de comunicação eletrônico – que não permite a visão do interlocutor – ou mesmo por restrições do *software* utilizado.

Pode-se dizer que os estudiosos das CMCs vêm se concentrando em duas linhas principais. Os da primeira linha têm se preocupado em identificar sinais específicos do código, como os *emoticons*, vistos como sinais paralingüísticos para expressão do humor do “falante” (que pode estar alegre, triste etc) ou sua opinião a respeito do interlocutor, por exemplo, O:-) que significa que o interlocutor é um anjo. Mas, é curioso observar que há outros sinais gráficos bastante usados nas CMCs que ainda não receberam a atenção merecida, tais como o uso de letras maiúsculas e pontuação. Há muito a ser observado. A caixa alta nem sempre é vista como comportamento condenável, equivalente a *gritar*, como postulam alguns (entre outros, Caraballo e JoLo, 2000). Hentschel (1998) lembra que, dependendo do contexto, o uso de caixa alta

pode significar *cantar*, uma outra atividade que requer poder vocal e que, nesse caso, não é considerado comportamento rude. Nossos dados revelam que, em aulas virtuais, professores e alunos usam exaustivamente este recurso para chamar a atenção de interlocutores em potencial ou marcar continuidade de fala (em inícios de enunciados divididos).

A segunda tendência nos estudos sobre CMCs é buscar traços estereotípicos da oralidade na produção lingüística, sem ir, contudo, muito além do levantamento. Embora não se negue a relevância desses trabalhos, os resultados não permitem descobrir de que forma podemos relacionar tais descobertas para entender melhor *what's going on*, como sugere Gumperz (1972) e seus seguidores.

A concentração nos aspectos lingüísticos é, aparentemente, conseqüência da adoção generalizada de categorias da Análise da Conversação (AC), de linha etnometodológica, para a descrição da interação. Tais categorias têm se revelado pouco produtivas para a descrição das CMCs, já que unidades que se baseiam na seqüenciação formal dos enunciados, como *par adjacente*, *turno*, *relevância condicional* e até mesmo o conceito de *conversação* da AC são de aplicação limitada para a análise de interações eletrônicas, que têm restrições de outra natureza que as conversações face a face.

Assim, no momento atual, a primeira tarefa com que se defrontam os que se dedicam à investigação da *natureza* da interação eletrônica é buscar um aparato conceitual para uma análise mais eficiente, pois, se, por um lado, é importante a identificação das características que o uso do computador introduz na produção lingüística, é possível, por outro lado, que os estudos das CMCs contribuam de forma substantiva para o aprimoramento do próprio conceito de interação que, seja ela eletrônica ou não, deve ser vista como *atividade social*.

Em nossa opinião, é isso que ainda não estamos ainda conseguindo no estudo das CMCs: o tratamento da interação como atividade social, pois, considerar a interação social como atividade

implica observações sobre a *língua em uso* (Brown e Yule, 1985). Em outras palavras, significa saber quem são os atores, suas formas de relacionamento, suas crenças etc para que se possa entender suas motivações e objetivos quando interagindo. É dentro desse contexto geral de preocupação que se insere a presente proposta de discussão dos conceitos *comunidade de fala* e *comunidade virtual*. É é nessa perspectiva que se propõe que os estudos das CMCs devam se iniciar por uma detalhada investigação do evento em que se inserem (ou que constituem).

1. Os dados

Antes de prosseguir, é preciso deixar claro o tipo de material sobre o qual estamos nos detendo. Na literatura em questão, o termo CMC não é muito esclarecedor, já que refere-se, como indica o nome, a

[...] any exchange of messages through electronic media that involves the use of computers (McClure et al., 1991), which encompasses: electronic mail, electronic bulletin board systems (BBS), news distribution systems, BITNET list servers, and conferencing systems.¹ (Aoki, 1995)

Davis e Brewer (1997) dizem preferir o termo *discurso eletrônico* à difusa denominação CMC, por focalizar

[...] how individuals use language to exchange ideas rather than on the medium or channel by which they transfer and deliver their messages. Using this term, as opposed to the term computer-mediated communication, emphasized our focus on language above the sentence – on language as utterances

¹ Qualquer troca de mensagens através de meio eletrônico que envolve o uso de computadores (McClure et al., 1991), o que engloba: correio eletrônico, sistemas de boletim eletrônico tipo BBS, sistemas de distribuição de notícias, listas de discussões e sistemas de conferência. (Aoki, 1995)

(Schiffrin, 1994), whether written or spoken.² (Davis e Brewer, 1997: 2)

Concordando com Davis e Brewer, adotamos no presente trabalho o termo interação eletrônica (ou, alternativamente, virtual) para caracterizar a interação nas aulas pela Internet que analisamos.

Os dados que constituem a base desta análise podem ser distribuídos em três grupos de amostra:

- *aulas chat*, isto é, aulas pré-programadas, geralmente para discussão de tópicos definidos. No nosso caso, os alunos também freqüentam um curso normal, com aulas presenciais. São todos da mesma turma, da 3ª série do ensino médio, de um colégio de Recife e a maioria já se conhece há algum tempo.
- *aulas chat*, no mesmo molde que as anteriores, mas os alunos não se conhecem pessoalmente. Matricularam-se num curso de Pedagogia sobre *e-learning*, oferecido pela Internet.
- aula individualizada, por *e-mail*, de curso a distância, em que os textos são disponibilizados na Internet e os alunos tiram dúvidas com um tutor via correio eletrônico.

Como será visto na análise, não temos dúvidas quanto à caracterização do primeiro grupo como comunidade. Não sabemos como nos referir ao segundo grupo, já que seria necessário que tivéssemos acesso aos participantes para um estudo mais detalhado. Já os participantes das interações bilaterais das aulas por *e-mail* (terceiro grupo) não parecem constituir uma comunidade. Vem daí nossa motivação para a proposta deste trabalho que, na realidade, faz parte de uma revisão mais completa sobre como o termo *comunidade* é visto em diversos autores. São vários os termos empregados na literatura

² Como os indivíduos usam a língua para trocar idéias, mais que o meio ou canal pelo qual eles transferem e enviam suas mensagens. O uso deste termo, em oposição ao termo comunicação mediada por computador, enfatiza nosso foco na língua acima da frase - na língua como enunciados (Schiffrin, 1994), seja ela escrita ou falada. (Davis e Brewer, 1997: 2)



com certa sobreposição, por exemplo: *comunidade de fala*, *comunidade de discurso*, *comunidade lingüística*, *comunidade de práticas*. Mas aqui vamos fazer apenas algumas observações em relação a duas áreas de estudo da língua, a da Etnografia da Comunicação e a da Sociolingüística.

2. A comunidade de fala

A Etnografia da Comunicação (EC) é uma das áreas de conhecimento que mais faz uso do conceito, uma vez que se preocupa em estudar a língua tal como se manifesta diariamente em suas comunidades de fala que, assim, se constituem numa categoria básica de análise desta disciplina. A comunidade de fala é definida como um

[...] grupo de pessoas que compartilham as regras de interpretação e uso de pelo menos uma língua (Gumperz, 1972) ou variante lingüística. (Hymes, 1972)

Na EC, a análise lingüística deve partir da descrição da comunidade de fala como forma de evitar a suposição de que compartilhar a mesma língua equivale a compartilhar o conhecimento de seu uso e significado em contextos variados. Assim, o termo *competência comunicativa* foi criado por Hymes (1972) para designar o conhecimento que um falante de uma dada língua precisa possuir para usar as formas lingüísticas apropriadamente. Tal conhecimento é adquirido nas várias atividades de interação social, ou seja, em *eventos de fala*. O pressuposto central de uma análise baseada em eventos de fala é que a compreensão de uso das formas e conteúdos lingüísticos implica a compreensão das atividades sociais em que se dá a fala. Daí o quarto conceito que forma a base do aparato teórico da EC – o *ato de fala* – que, aliás, na análise tradicional, não é tão considerado como o aparato teórico propõe.

Então, se observarmos o conceito de comunidade de fala no contexto do aparato teórico como um todo, não há dúvidas de que

na perspectiva da EC, crucialmente interacionista, a definição pressupõe uma proximidade física (como condição necessária, embora não suficiente) e um relacionamento social ativo, de influência e interdependência, entre os membros da comunidade.

Passemos adiante, fazendo observações sobre o conceito na Sociolingüística.

Na Sociolingüística Variacionista (SV), o conceito de comunidade tem sido assumido como parâmetro social para a descrição de variantes lingüísticas. Em grande parte, baseando-se em um *modelo de língua como código* (Schiffrin, 1994), que busca examinar a distribuição e variação das formas, as *comunidades são co-extensivas com as variedades* (McCleary, 1996). Mesmo os que se apóiam no conceito de comunidade como sendo determinada *pelo conhecimento partilhado das normas que regulam os padrões de uso das variedades lingüísticas* (Hudson, 1980, citado por McCleary, 1996), não se detêm na observação das normas ou de como elas influenciam a produção lingüística. O objetivo central é identificar e descrever diferentes variantes e, nesse sentido, o conceito de comunidade não tem posição de destaque no aparato teórico-metodológico do Variacionismo.

Já na Sociolingüística Interacionista (SI) – ou, pelo menos, em algumas vertentes dela – o termo *comunidade* é central. Interessada em descobrir

[...] como a língua está situada em circunstâncias particulares da vida social e como ela acrescenta (ou reflete) diferentes tipos de significado [...] e estrutura [...] àquelas circunstâncias (Schiffrin, 1994).

a SI lança mão do conceito de comunidade como sendo delimitada pelas redes de interação comunicativa. Os indivíduos podem estar interligados por relações fortes ou fracas, de formas singulares ou múltiplas, e o que importa para a SI é investigar como essas relações influenciam a produção lingüística dos membros de um dado

grupo social. A estrutura de redes envolve ligações familiares, religiosas, de amizade consolidada, de trabalho, de vizinhança etc.

Então, ambas a EC e a SI consideram a fala da comunidade e a do indivíduo, sendo a diferença o foco. A primeira parte da noção de comunidade para descrever os eventos a ela associados; a segunda se concentra na relação da fala do indivíduo com a fala e outros valores da comunidade.

E aqui, é necessário um parêntese para explicar o que se está rotulando como SI. Há, pelo menos, duas vertentes. A primeira reúne os pesquisadores que partem das idéias de Gumperz, por exemplo, mas estão interessados em descobrir mais sobre o processo interacional em si. Estes se concentram na fala do indivíduo em função do interlocutor e não se preocupam com a comunidade a que os interactantes pertencem. A segunda congrega os que, a partir de teorias de redes sociais, como a de L. Milroy, investigam a fala do indivíduo em relação à pressão exercida pelos outros membros do grupo. São esses últimos que estamos contrapondo aos etnógrafos da comunicação, no que se refere à trilha traçada na investigação.

Retomando, percebe-se que o conceito de comunidade na SI pressupõe proximidade geográfica, como na EC. Mas, além disso, e principalmente, envolve uma noção de solidariedade institucionalizada. O comportamento lingüístico do indivíduo está diretamente ligado à sua sensação de pertencimento / não-pertencimento a determinado grupo social.

Mesmo entre os sociolinguistas interacionistas, este conceito de comunidade tem sido questionado. Por exemplo, discutindo seu trabalho sobre alternância de código (*code-switching*) entre inglês e chinês numa região da Inglaterra, Li Wei (comunicação pessoal) pergunta se podemos nos referir aos chineses que vivem naquela região como membros de uma mesma comunidade. Os chineses se envolvem em negócios semelhantes, notadamente, restaurantes e lavanderias, e tendem a morar no próprio local de trabalho ou bem

próximo a ele. Assim, para evitar a concorrência entre si, vivem geograficamente distantes. Não obstante a distância física, eles afirmam, de acordo com o pesquisador, que fazem parte de uma comunidade, a chinesa. Neste caso, pergunta Li, qual seria o critério preponderante, a proximidade física ou a sensação de pertencimento? Ele opta pelo segundo.

Estabelecido este pano de fundo, passamos, agora, a observar a *comunidade virtual* à luz desses breves comentários que poderão ser enriquecidos na discussão. Vamos privilegiar, conforme afirmado no início, a tentativa de caracterização dos dados que formam a base da pesquisa, compostos de *aulas chat* em que os alunos se conhecem; *aulas chat* de alunos que nunca se viram pessoalmente; aulas individualizadas, por *e-mail*.

3. A comunidade virtual

Como lembra Rheingold (2000, edição revisada da versão de 1993), logo no início de seu Capítulo 11, *Rethinking virtual communities*, ainda não se tem um consenso sobre o que entendemos por comunidade e, muito menos, em que aspectos o termo *comunidade virtual* equivale à noção de comunidade autêntica.

Como adiantamos, as *aulas chat* que envolvem alunos conhecidos parecem preencher os critérios adotados pela EC e SI, de proximidade física e sensação de pertencimento, já que os alunos se conhecem há bastante tempo. E, além da proximidade física proporcionada pela convivência diária, de forma bem atípica, os alunos compartilham até mesmo uma grande sala (um terminal) para sua interação via computador. Isso chega a causar estranheza entre os alunos:

Exemplo 1

Augusta as 17:7:24 em 6-set-2000

esse curso esta muito legal so nao e mais por umn detalhe
nao tem lanchinho

Kelma as 17:7:44 em 6-set-2000

tem que ser frutas e verduras pois fui hoje a nutricionista –
preciso perder uns quilinhos

Auxiliadora as 17:8:25 em 6-set-2000

vocês acham que a Internet pode dar certo na escola?
Como?

Augusta as 17:8:25 em 6-set-2000

Dora eu vou pensar na resposta e segunda eu respondo

Anastácia as 17:8:38 em 6-set-2000

É meio esquisito conversar com vocês pela Internet estando
todas numa mesma sala, o que vocês sentem?

O fato de essas aulas preencherem a condição *espaço físico* gera um outro problema. Rheingold se pergunta *o que devemos saber sobre a história das transformações tecnológicas da comunidade*, pois é certo que o uso do computador como meio influencia a interação eletrônica. Ele cita, com razão, a falta da presença física (*lack of corporeality*) como a característica universal das interações *on-line*. Ou seja, essas aulas preenchem uma condição da comunidade autêntica, mas não da comunidade virtual.

Também a sensação de pertencimento não parece se equivar àquela da SI. O comportamento verbal do aluno não é determinado pela solidariedade em relação aos colegas, mas gerado por regras que ele identifica como sendo as esperadas num ambiente escolar. Tais motivações parecem distantes daquelas descritas como

as dos membros das redes sociais da SI, relacionadas a questões de construção de identidade e com o intuito de conseguir afeição, além de suporte emocional e material.

Passemos para o caso das *aulas chat* de alunos desconhecidos. A observação dessas aulas nos motiva a investigar melhor o sentido de *proximidade física*, já que eles teclam de diferentes pontos do país, mas compartilham um ambiente virtual.

Wellman argumenta que

Ever since the late 1960s, I have arguing that community does not note qual neighborhood. That is, people usually obtain support, sociability, information and a sense of belonging from those who do not live within the same neighborhood. They have done this through phoning, writing, driving, rail-roading, transiting, and flying.³ (Wellman, 2000, citado por Rheingold, 2000: 160)

Rheingold ratifica a posição de Wellman argumentando que

Social networks emerge when people interact with other continually, and they have to be useful or they wouldn't exist. [...] Before writing letters became commonplace, social networks were confined to those people who saw each other face to face. Writing, public postal systems, telegraph, telephone, and the Internet each brought new means of extending one's social network to include people who are not in the immediate geographical vicinity, who share an interest rather than a location.⁴ (Rheingold, 2000: 160)

³ Desde o final dos anos 60, tenho argumentado que comunidade não se equivale a vizinhança. Isto é, as pessoas normalmente obtêm suporte, sociabilidade, informação e uma sensação de pertencimento daqueles que não vivem na mesma vizinhança. Eles têm feito isso através de telefonemas, de cartas, dirigindo, viajando de trem, se encontrando por acaso e voando.

⁴ Redes sociais emergem quando as pessoas interagem com outras de forma continuada, e elas (as redes) têm sido úteis ou não existiriam [...]. Antes que escrever cartas tenha se tornado algo comum, as redes sociais eram exclusivas daquelas pessoas que se viam face a face. Cartas e postais, telégrafo, telefone e Internet cada uma delas trouxe novos meios de ampliação das redes de uma pessoa, incluindo indivi-

Assim, ambos os autores sugerem, com razão, que proximidade física não é central na definição de comunidade ou rede social. *Suporte e sociabilidade* (Wellman) e *interesse compartilhado* (Reinghold) são mais determinantes.

Mas, ainda resta a pergunta se as *comunidades virtuais* realmente se equivalem a comunidades reais.

Com base em Erickson (1997), Marcuschi assim define uma comunidade:

é uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras. (Marcuschi, 2002)

Examinando as nossas *aulas chat* de alunos que não se conheciam previamente, parece que ainda há um certo desconforto nas interações. Acreditamos que, pelo menos no momento, essas interações sejam muito diferentes das que se dão em outras redes a que esses alunos possam pertencer. Em várias ocasiões (exemplo 2) eles apontam a artificialidade da interação e superficialidade no tratamento dos temas. Observe-se que a conversação não difere apenas pelo uso do *software* ou suporte eletrônico. Trata-se de uma aula, isto é, de uma interação moderada pelo professor, com assuntos específicos e previamente escolhidos, com um desenvolvimento controlado dos tópicos. Além disso, a existência dessa pretensa *comunidade* ou *rede social* tem final marcado. Assim, não sabemos se podemos esperar que um dia aí aflorem as condições para o desenvolvimento de *relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais*, lembrados por Marcuschi (2002).

duos que não estão na vizinhança geográfica imediata, que compartilham interesses mais que uma localidade. (Rheingold, 2000: 160)

Exemplo 2 (vários trechos de uma mesma aula)

Moderador leitor às 15:47:53

Voltando à questão da nossa aula virtual. Uma crítica que pode ser feita é que não falta interatividade, mas o meio é superficial. Como aprofundar conteúdo num meio rápido como o digital?

[...]

Paulista às 15:49:47

e além disso, leitor, nosso contato é muito pouco [...]

[...]

Gabriel às 15:50:15

leitor, sim, o contato é superficial. Mas precisamos encontrar as palavras exatas para dizer mais em menos tempo, e com menos palavras.

[...]

Moderador Vinícios às 15:52:09

Sempre que penso em escrever chego a conclusão que é besteira, que não vou fazer com que o leitor consiga me “enxergar” apenas através das palavras escritas.

[...]

Gabriel às 15:54:27

Paulinha, as aulas virtuais são fantásticas. É muito divertido falar com pessoas em diferentes lugares do Brasil e do mundo ao mesmo tempo. Pretendo repetir a experiência. Mas, ao mesmo tempo, é assustador.

Além das citações agrupadas no exemplo 2, um outro indício de que a interação não se desenvolve com fluidez é a alta ocorrência de termos de polidez (Brown e Levinson, 1987). Estratégias de polidez não são comuns em aulas de discussão, que devem ser dinâmicas e centradas nos tópicos, sobretudo se essas aulas são virtuais, com trocas ainda mais rápidas. Os termos de polidez encontrados incluem:

“desculpe me intrometer na resposta, mas”;

“Paulinha, você não falou comigo, mas gostaria de poder dar minha opinião”;

“Pegando o gancho da necessidade dos talentos, gostaria de acrescentar um outro aspecto”;

“Ginã, acho que não entendi direito sua colocação, se eu estiver errado, me corrige”.

No que se refere às aulas individualizadas, por *e-mail*, a situação parece bastante diversa do que ocorre em *aulas chat*. Tem sido vastamente lembrado que interações eletrônicas são democráticas, já que as *pistas sociais* (Sproul e Kiesler, 1991) são eliminadas. Essas pistas incluem características da aparência física das pessoas, títulos, posição social, e até mesmo raça e sexo. Nas *aulas chat* encontramos uma maior simetria entre professores e alunos, no sentido de que a interação é multilateral e não bilateral, com professor de um lado e todos os alunos do outro, como ocorre na aula presencial.

Na interação por *e-mail*, percebe-se claramente essa distinção bilateral dos papéis. Rheingold lembra que tanto a noção de comunidade de fala quanto a de rede social pressupõem uma certa homogeneidade. É claro que numa mesma comunidade pode haver papéis sociais diferenciados, mas a sensação de pertencimento, as relações de confiança serão vistas de forma recíproca pelas pessoas? No caso, é bem possível que o professor considere o conjunto de seus alunos como sendo um grupo, embora ele não pareça se considerar parte do grupo.

Outra questão intrigante que esta análise de aulas por *e-mail* gerou foi numérica. É difícil sustentar que duas pessoas formem uma comunidade, mesmo que preencham todas as condições já elencadas. Mas, então, quantas pessoas são necessárias para se formar uma comunidade?

Comentários finais

A busca de se estabelecer relações entre as características externas à interação e as regularidades das formas e conteúdos da comunicação parece envolver bem mais que a aplicação de conceitos elaborados para a análise de interações face a face. Faz-se necessária a elaboração de um aparato teórico-metodológico que envolva uma revisão dos sistemas de análise já consagrados para permitir a observação da interação virtual como atividade cognitiva, social e historicamente constituída.

Por si só, a Análise da Conversação, tão utilizada na análise eletrônica, não fornece categorias adequadas para descrição; primeiro, por serem baseadas na seqüenciação; segundo, porque estamos diante de gêneros textuais em constituição, e a AC, por ser de perspectiva etnometodológica, busca investigar como as pessoas se comportam rotineiramente nas atividades diárias, isto é, se propõe a identificar regras já estabelecidas, encapsuladas, internalizadas. A AC, como Schiffrin (1994) lembra, tem como objetivo descobrir *como os membros de uma sociedade produzem um sentido de ordem social*.

A análise do evento pressupõe uma perspectiva etnográfica. Não devemos nos restringir à análise lingüística sem uma análise do evento em si, sob pena de estarmos adotando um conceito de interação simplesmente como produto. Como lembra Erickson, a observação do discurso eletrônico [...] sugere um foco:

- *no propósito comunicativo do discurso;*
- *na natureza da comunidade discursiva;*
- *nas regularidades da forma e conteúdo da comunicação, nas expectativas e convenções subjacentes;*
- *nas propriedades das situações recorrentes nas quais o gênero é empregado, incluindo as forças institucionais, tecnológicas e sociais que dão origem às regularidades do discurso.* (Erickson, 1997)

Mas, não podemos tomar os conceitos da etnografia tradicional e simplesmente aplicá-los às análises das interações eletrônicas. A EC trabalha, até certo ponto, com categorias estanques, aprioristicamente determinadas. Há, também, em alguns trabalhos, uma tendência de se estabelecer uma correlação direta, quase determinística, entre as características etnográficas e a produção lingüística.

Como observado, as múltiplas comunidades virtuais não se equivalem, necessariamente, às comunidades reais. Portanto, é conveniente que deixemos de usar o termo *comunidade virtual* da forma frouxa como vem sendo feito. Não podemos afirmar, tampouco, que os critérios de solidariedade, reciprocidade etc que a SI utiliza na definição de suas comunidades de estudo possam ser tomados de forma irrestrita para descrição das interações virtuais.

As CMCs ou interações eletrônicas não se constituem num bloco monolítico e homogêneo. Elas não divergem da interação face a face apenas pelo uso do computador. Há uma variedade de interações que devem ser cuidadosamente observadas e descritas. Os poucos comentários aqui apresentados demonstram que até mesmo as aulas pela Internet já diferem entre si.⁵ O estudo de interações virtuais é um tema complexo e deve ser abordado com cuidado.

⁵ Em outro trabalho (Barros, 2002) proponho que *aulas chat* e *aulas por e-mail* devam ser considerados dois gêneros textuais distintos.

ABSTRACT: *One of the most used terms in the study of Computer Mediated Communication is "virtual community". Quite often, the term is used in an implicit manner, as if its meaning were simple and self-contained. In reality, very little is known about virtual communities and there is an urgent need for more studies that contemplate the ethnographic aspects of electronic interactions. There is quite a large number of computer mediated communications, with great differences in group organization. Some of them cannot even be called communities. Besides, it is not known to what degree the virtual communities are comparable to real communities. The aim of this article is to discuss, in a preliminary way, the applicability of the concept of speech community to the analysis of electronic interactions. The study is based on a sample limited to chat-like lessons, given through the Internet, in specific chat rooms.*

KEYWORDS: *Virtual classroom; virtual community; speech community.*

BIBLIOGRAFIA

- AOKI, K. (1995) Synchronous multi-user textual communication in international tele-collaboration. http://www.firstmonday.dk/issues/issues2_11/murphy/
- BARROS, K. S. M. (2002) Atividades de interação verbal em aulas virtuais. Trabalho apresentado no IV ELFE, Maceió, 25 a 29 de novembro.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. (1987) *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge: CUP.
- CARABALLO, D.; JO LO (2000) *The IRC prelude*. <http://www.irchelp.org/irchelp/new2irc.html>
- DAVIS, B. H.; BREWER, J. P. (1997) *Electronic discourse. Linguistic individuals in virtual space*. New York: State University.
- ERICKSON, T. (1997) Social interaction in the Net: Virtual Community as Participatory Genre. http://www.pliant.org/personal/TOM_Erickson/vc_as_Genre.html
- GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Eds.). (1972) *Direction in sociolinguistics: the ethnography of communication*. London: Basil Blackwell.

- HENTSCHE, E. (1998) Communication on IRC. <http://viadrina.euw.frankfurt.o.del-wjournal/irc.html>
- HYMES, D. (1972; 1986) Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (Eds.). *Direction in sociolinguistics: the ethnography of communication*. London: Basil Blackwell.
- MARCUSCHI, L. A. (2002) Gêneros textuais emergentes e atividades lingüísticas no contexto da tecnologia digital. Trabalho apresentado no Encontro do GEL, São Paulo, de 23 a 25 de maio.
- McCLURE, C.; BISHOP, A. E.; DOTY, P.; ROSENBAUM, H. (1991) *The national research and education network (NERN): Research and policy perspectives*. Norwood/N. J.: Ablex.
- MCCLEARY, L. E. (1996) *Aspectos de uma modalidade de discurso mediado por computador*. São Paulo. Tese (Doutorado), FFLCH/USP.
- RHEINGOLD, H. (2000) *The virtual community*. Cambridge/MA: MIT Press.
- SCHIFFRIN, D. (1994) *Approaches to discourse*. Cambridge: CUP.
- SPROUL, L.; KIESLER, S. (1991) *Connections*. Cambridge/MA: MIT Press.